

EL BESO DE LA MUJER ARAÑA, DE MANUEL PUIG: ALUMBRAMENTOS SOBRE A CONDIÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA

**Ivana Ferigolo Melo
Mayara Landin de Oliveira**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura, e mais especificamente o romance, segundo Ernesto Sábato (1964), examina o homem e o mundo. Assim sendo, ela veicula, a partir de sua condição ficcional, inventiva, análises das mais diversas ordens sobre aspectos existenciais, sobre o horizonte natural, social, cultural, político, etc., servindo, portanto, como fonte de saber apta a aperfeiçoar nosso olhar ou compreensão sobre o que é viver, ser e estar no mundo. Considerando ser esse um dos traços essenciais da literatura, nesse trabalho, nos propomos analisar o romance *El beso de la mujer araña*, do escritor argentino Manuel Puig, no intuito de verificar que conhecimentos sobre a identidade humana essa produção literária constitui e expõe.

Nosso propósito justifica-se pelo fato de o mencionado romance de Puig relatar as experiências de dois prisioneiros, divergentes em posicionamentos e valores, que compartilham, por um determinado período da vida, a cela de uma prisão, e que registram, a partir desse contato, mudanças significativas em suas identidades, ou seja, em suas “[...] formas de ser e de estar no mundo.” (SIBILIA, 2016, p. 26).

As transformações registradas pelos dois personagens ao longo da obra a convertem em um mecanismo simbólico que comunica saberes sobre a conformação da identidade dos homens. Buscando perscrutar o que o romance de Puig sinaliza sobre a condição identitária dos indivíduos, realizaremos, a seguir, uma análise da obra, focalizando, preponderantemente, os rumos que tomam as trajetórias existenciais de ambos os personagens a partir do contato que registram no exíguo espaço de uma cela de prisão.

I. Narração sem narrador

A obra publicada em 1976 e intitulada *El beso de la mujer araña* marca profundamente a produção literária do escritor argentino Manuel Puig. O cenário no qual se desenvolvem os fatos narrados é, preponderantemente, uma cela de uma prisão localizada em algum ponto da Argentina dos anos 70.

O livro todo é elaborado apenas com diálogos oriundos da alternância de vozes dos dois personagens, sem contar com a presença convencional de um narrador. Além disso, a obra apresenta um conjunto de nove notas de rodapé

dispostas ao longo do romance, entre as quais, muitas apresentam saberes ou informações sobre a origem da homossexualidade.

A partir do recurso estrutural fundado no diálogo, o romance coloca em cena as vivências e as relações estabelecidas, no cárcere, entre Valentín (personagem de orientação comunista) e Molina (homossexual colocado na mesma cela de forma proposital, por autoridades, para extrair informações de Valentín sobre o comunismo e suas formas de organização na Argentina). Como no transcorrer do tempo os personagens vão registrando mudanças, o romance parece indicar, tal como sustenta Jofré (2012), que:

La identidad se construye en la relación del sujeto con su entorno y con los otros. Esta afirmación sólo evidencia que la identidad refiere a la construcción del sujeto en lo social. Por tanto, la identidad no apunta a la esencia del ser. La identidad no es algo dado, no es fija. No es la suma de características sociales, psicológicas y/o culturales. La identidad no viene dada desde fuera. Los Otros y el entorno son vitales para su construcción. La identidad es una construcción permanente. (JOFRÉ, 2012, p. 4)

É no intuito de explicitar que a representação que faz a obra *El beso de la mujer araña* da identidade humana alinha-se ao que sustenta Jofré (2012) sobre a conformação da identidade, que, realizar-se-á, a seguir, a análise do romance de Puig.

II. O conflito

Como se mencionou, é dentro de uma cela (realidade espacial separada do restante do mundo) que ocorre a maior parte dos fatos relatados na obra de Puig, os quais envolvem dois personagens do sexo masculino e com posicionamentos bastante divergentes: Luis Alberto Molina, assumidamente homossexual, condenado por aliciamento de menores, e Valentín Arregui Paz, jovem de orientação comunista e inclinação revolucionária, preso e perseguido por suas ações e opiniões políticas. Isolados no cárcere, os dois protagonistas, tão díspares, têm que conviver por um significativo período de tempo. Molina é ali colocado, como já dito, propositadamente, para que descubra outras operações do movimento comunista a que pertencia o militante Valentín. Encarcerado, "O guerrilheiro simplesmente tenta sobreviver às torturas, ao constante envenenamento da comida que lhe servem e à própria condição de quem se encontra atado e sem qualquer chance de atuar politicamente." (FIORINI, 2018, p. 1).

Para tentar alcançar seu objetivo, o de conseguir informações sobre Valentín e angariar sua liberdade, Molina usa suas armas: tenta envolver o guerrilheiro em uma rede de narrativas de tom *Hollywoodiano*, escapista. Narra as histórias com ímpeto, apostando no poder de sedução da narração, do narrado e de si mesmo. Ou seja, incorpora o papel de contador de histórias,

essa figura esperada e envolvente, segundo Walter Benjamim (1994). O início do livro dá-se com Molina narrando um filme chamado *Mujer Pantera*. Já no princípio da obra, fica elucidada a relação distante de dois companheiros de cela, devido ao fato de terem visões sobre o mundo e sobre a vida muito divergentes:

- Seguí un poco más.
- Es que con el sueño se me olvida la película, ¿qué te parece si la seguimos mañana?
- Si no te acordes, mejor la seguimos mañana.
- Con el mate te la sigo.
- No, mejor a la noche, durante el día no quiero pensar en esas macanas. Hay cosas más importantes en que pensar.
- ...
- Si yo no estoy leyendo y me quedo callado es porque estoy pensando. Pero no me vayas a interpretar mal.
- No, está bien. No te voy a distraer la atención, pierde cuidado.
- Veo que me entiendes, te lo agradezco. Hasta mañana.
- Hasta mañana. Que sueñes con Irena.
- A mí me gusta más la colega arquitecta.
- Yo ya lo sabía. Chau.
- Hasta mañana. (PUIG, 2007, p.15)

Nesse trecho, percebemos que a reação e o comportamento de Valentin, cuja grafia do nome faz referência à valentia, à força, é inteiramente racionalista e materialista. A princípio, ele rechaça Molina (personagem em que a grafia do nome remete à moleza, a uma condição oposta à valentia). Valentín questiona, despreza as histórias de Molina, trata-as de *macanas* (chatices em espanhol argentino) e afirma ter coisas mais importantes para pensar e fazer (*hay cosas más importantes que pensar*). Empenha-se em manter o cultivo da mente, do pensamento, alternando atividades de leituras e divagações.

A intensidade desse conflito, materializada até na grafia dos nomes e em suas semânticas, fica ainda mais visível no fragmento a seguir, em que Molina pergunta a Valentín se ele não se cansa de ler:

- ¿No te cansas de leer?
- No. ¿Cómo te sentís?
- Me está viniendo una depresión bárbara.
- Vamos, vamos, no sea flojo compañero.
- ¿No te cansas de leer con esta luz tan jodida?
- No, ya estoy acostumbrado. Pero de la barriga, ¿cómo te sentís?
- Un poco mejor. Contadme qué estás leyendo.
- ¿Cómo te voy a contar?, es filosofía, un libro sobre el poder político.

-Pero algo dirá, ¿no?
 -Dice que el hombre honesto no puede abordar el poder político, porque su concepto de la responsabilidad se lo impide.
 -Y tiene razón, porque todos los políticos son unos ladrones. -Para mí es todo lo contrario, quien no actúa políticamente es porque tiene un falso concepto de la responsabilidad. Ante todo mi responsabilidad es que no siga muriendo gente de hambre, y por eso voy a luchar.
 -Carne de cañón. Eso es lo que sos.
 -Si no entiendes nada cállate la boca.
 -No te gusta que te digan la verdad...
 -¡Qué ignorante! si no sabes no hables.
 -Por algo te da tanta rabia...
 -¡Basta! Déjame leer.
 -Está bien. Algún día que vos estés mal yo te voy a hacer lo mismo.
 -¡Molina, cállate de una vez!
 -Está bien, en otro momento te voy a decir alguna cosa que otra.
 -De acuerdo. Hasta luego.
 -Hasta luego. (PUIG, 2007. p. 108)

Como elucida o fragmento, os personagens Valentín e Molina chegam a confrontos tensos, porque têm perfis identitários bastante antagônicos. Valentín é um leitor, intelectual, acredita ser uma responsabilidade do sujeito a ação política e a luta para a construção de uma sociedade com menos desigualdade, menos fome (*Para mí es todo lo contrario, quien no actúa políticamente es porque tiene un falso concepto de la responsabilidad. Ante toda mi responsabilidad es que no siga muriendo gente de hambre, y por eso voy a luchar.*). Ou seja, Valentín tem uma orientação ideológica comunista (como bem expressa o termo companheiro usado por ele para se referir a Molina), materialista, acredita que a transformação social só pode ser feita pelo homem, por isso adota uma postura de intelectual e de ativista. Molina, pelo contrário, mostra-se descomprometido politicamente, acha que Valentín lê muito (*No te cansar de leer?*), é partidário de conceitos pouco profundos, fechados e generalizantes sobre políticos e práxis política (*los políticos son todos ladrones*). Essa oposição, essa diferença de valores, de orientações ideológicas, faz deles indivíduos de identidades, de comportamentos, de ações, de *formas de ser e estar no mundo* diferentes, levando-os a confrontos extremos, traduzidos em agressões verbais *como: ! Qué ignorante! si no sabes no hables. – Por algo te da tanta rabia.*

E não é só em termos de visão, comportamento e atuação que eles se opõem. Também diferem na opção sexual. Valentín é do sexo masculino e prefere mulheres. Molina também é do sexo masculino, mas homossexual, desencadeando em Valentín uma rejeição em relação a ele. Motivos para conflitos, divergências e afastamentos não faltam aos personagens. No entanto, como se mencionou, a convivência entre eles vai produzindo-lhes mudanças.

III. A transformação da identidade

Do meio para o final da narrativa, ambas as personagens vão sinalizando mudanças e os conflitos vão cedendo lugar à solidariedade, à afinidade. Em vez de arredo, como no princípio, Valentín vai desenvolvendo afetividade e carinho por Molina e se mostra mais próximo do companheiro de cela, criando assim uma relação de confiança, gratidão, respeito e consideração, como se percebe em um excerto em que Molina cuida de Valentín quando ele está debilitado:

-Estoy helado.
-Te hago enseguida un té, que es lo único que queda.
-No, que es tuyo, deja, ya se me va a pasar.
-Estás loco.
-Pero te estás terminando tus provisiones, estás loco vos. -No, ya me traerán otras.
-Acodarte que tu mamá está enferma y no puede venir.
-Sí, me acuerdo, pero no importa.
-Gracias, de veras.
-Por favor.
-Sí, no sabes cuanto te lo agradezco. Y te pido perdón, porque yo a veces soy muy brusco,... y hiero a la gente sin ninguna razón.
-Acabala.
-Como cuando estabas vos descompuesto. Y no te atendí nada.
-Cállate un poco.
-En serio, y no con vos sólo, herí mucho a otra gente. Yo no te he contado, pero yo en vez de contarte una película te voy a contar una cosa real. Te macaneé de lo de mi compañera. De la que te hablé es otra, que yo quise mucho, de mi compañera no te dije la verdad, y vos la querías, porque es una chica muy simple y muy buena y muy corajuda.
-No, mira. No me cuentes, por favor. Ésos son asuntos jodidos, y yo no quiero saber nada de tus cuestiones políticas, secretas y qué sé yo. Por favor.
-No seas sonso, ¿quién te va a preguntar algo a vos, dé mis asuntos?
-Nunca se sabe con esas cosas, me pueden interrogar. Yo te tengo confianza. Vos me tenéis confianza a mí, ¿verdad?
-Sí...
-Entonces acá tiene que ser todo de igual a igual, no te me achiques...

-No es eso...A veces hay necesidad de desahogarse, porque me siento muy jodido, de veras. No hay cosa más jodida que arrepentirse de haberle hecho mal a alguien. Y yo a esta piba la jodí...

-Pero ahora no, contadme en otro momento. Ahora te hace mal remover cosas, así íntimas. Mejor te tomas el té que te voy a preparar, que te va a caer bien. Haceme caso. [...]

-Bueno, yo te limpio, no te aflijas. Quédate tranquilo.

-Gracias...

-A ver... así, y un poco por acá... Date vuelta despacio,... así. Y al colchón no pasó, menos mal. Y por suerte tenemos bastante agua, así que mojo esta punta limpia de la sábana, y te limpio bien.

-No sé cómo agradecerte.

-No seas sonso. A ver... levanta un poco para allá. Así... muy bien.

-De veras, te lo agradezco tanto, porque no voy a tener fuerzas para ir a las duchas.

-No, y el agua helada te reventaría.

-Uy, que está fría el agua ésta también.

-Abrí un poco más las piernas... Así.

-¿No te da asco?

-Cállate. Otra punta mojada de la sábana,... así...

-...

-Ya estás quedando bien limpito... Y ahora con una punta seca...Lástima que ya no me quede talco.

-No importa. Basta con quedar seco.

-Sí, tengo otro pedazo de sábana más, para secarte. Así... ya estás bien sequito.

-Ay, cuánto mejor me siento... Gracias, viejo. ((PUIG, 2007, p. 134-146)

Na citada passagem, o que visualizamos é um Valentín frágil, enfermo e, em contrapartida, um Molina forte, não medindo esforços para cuidá-lo, limpá-lo. Gasta o último resto de chá e dá banho em Valentín. Os repetidos agradecimentos e os pedidos de desculpas de Valentín evidenciam que ele liberou-se da soberba, que o levava a chamar Molina de ignorante, e que foi ganhando contornos de homem sentimental, grato, humilde. Molina, por sua vez, reprocha Valentín com palavras autoritárias como *cállate*, manifestando o ar de comando que Valentín possuía. No momento de fragilidade de Valentín, a solidariedade de Molina é muito sobressaliente. Agora eles mantem uma relação humana, embasada na consideração pelo outro, independente das diferenças ideológicas e de gênero. Ambos manifestam transformação e assimilação de traços identitários do outro.

Diante do cuidado de Molina, um cuidado convencionalmente feminino, Valentín rende-se, despe-se de preconceitos. Nasce uma dependência

emocional e uma cumplicidade fecunda entre eles. Valentín se torna carinhoso, preocupado, sensível, ou seja, passa a ter características muito próximas às de Molina:

-Ahhhh...

-¡Qué suspiro!

-Qué vida ésta, más difícil...

-¿Qué te pasa, Molinita?

-No sé, tengo miedo de todo, tengo miedo de ilusionarme de que me van a soltar, tengo miedo de que no me suelten. ... Y de lo que más miedo tengo es que nos separen y me pongan en otra celda y me quede ahí para siempre, con quién sabe qué atorrante...

-Mejor no pensar en nada, total nada depende de nosotros. -Ves, ahí no estoy de acuerdo, pienso que a lo mejor pensando se nos ocurre alguna salida, Valentín.

-¿Qué salida?

-Por lo menos... que no nos separen.

-Mira... para no maltratarte a vos mismo, pensé en una cosa: que todo lo que queréis es salir para cuidar a tu madre. Y nada más. No pienses en nada más. Porque la salud de ella es lo más importante para vos, ¿verdad?

-Sí...

-Concéntrate en eso, y ya.

-No, no quiero concentrarme en eso... ¡no!

-Eh... ¿qué pasa?

-Nada...

-Vamos, no te pongas así... levanta la cara de esa almohada...

-No... Déjame...

-Pero ¿qué pasa?, ¿Hay algo que me ocultas?

-No, ocultarte no... Pero es que...

-¿Es que qué? Al salir de acá, vas a estar libre, vas a conocer gente, si queréis podéis entrar en algún grupo político.

-Estás loco, no me van a tener confianza por puto.

-Yo te puedo decir a quien ver...No, por lo que más quieras, nunca, pero nunca, ¿me entiendes?, me digas nada de tus compañeros.

-¿Por qué?, ¿a quién se lleva a ocurrir que vos los veas?

-No, me pueden interrogar, lo que sea, y si yo no sé nada no puedo decir nada.

-Pero de todos modos, hay muchos grupos, de acción política. Y si alguno te convence te puedes meter, aunque sean grupos que no hagan más que hablar.

-Yo no entiendo nada de eso... (PUIG, 2007, p. 217)

Preocupado com Molina, Valentín já não o trata de companheiro, mas de Molinita, forma carinhosa e sentimental. A dura e fria interioridade do valente e lutador Valentín vai sendo substituída pela sensibilidade, pelo afeto, pela preocupação. Molina, por sua vez, vai mostrando-se preocupado com o futuro, uma angústia que era de Valentín (*No sé, tengo miedo de todo, tengo miedo de ilusionarme de que me van a soltar, tengo miedo de que no me suelten. ... Y de lo que más miedo tengo es que nos separen y me pongan en otra celda y me quede ahí para siempre, con quién sabe qué atorrante...*). O que constatamos no decorrer da narrativa são mudanças profundas na identidade dos personagens. E essas mudanças parecem ser decorrentes da intimidade que ambas desenvolvem com a convivência, comprovando a tese de Jofré (2012) de que a identidade se configura pela relação com o outro.

Na obra de Puig, a transformação da identidade dos personagens é tão intensa que Valentín e Molina chegarão a manter relação homossexual, como se pode ver a seguir:

-¿Por qué descanso, Valentín?
-Porque... no sé...
-¿Por qué?
-Debe ser porque no pienso en mí...
-Me haces mucho bien...
-Debe ser porque pienso en que me necesitas, y puedo hacer algo por vos.
-Valentín... a todo le buscas explicación... qué loco sos...
-Será que no me gusta que las cosas me lleven por delante... quiero saber por qué pasan las cosas.
-Valentín... ¿puedo yo tocarte a vos?
-Sí... -Quiero tocarte... ese lunar... un poco gordito, que tenéis arriba de esta ceja.
-...
-¿Y así puedo tocarte?
-...
-¿Y así?
-...
-¿No te da asco que te acaricie?
-No...
-Sos muy bueno...
-...
-De veras sos muy bueno conmigo...
-No, sos vos el bueno.
-Valentín... si quieres, podes hacerme lo que quieras... porque yo sí quiero.
-...
-Si no te doy asco.
-No digas esas cosas. Callado es mejor.
-Me corro un poco contra la pared.

-...
-No se ve nada, nada... en esta oscuridad.
-...
-Despacio...
-...
-No, así me duele mucho.
-...
-Espera, no, así es mejor, déjame que levante las piernas.
-...
-Despacito, por favor, Valentín.
-...
Así...
-...
-Gracias... gracias...
-Gracias a vos también...
-A vos... Y así te tengo de frente, aunque no te pueda ver, en esta oscuridad. Ay... todavía me duele... (PUIG, 2007. p. 219-221)

Valentín se torna muito sentimental, e, não se importando tanto com o futuro, começa a aproveitar o momento. Quando acontece a relação sexual (homossexual), ela ocorre de forma afetuosa. Valentín mostra-se preocupado e no final agradece a Molina. O arredo, frio, disciplinado, materialista e preconceituoso militante torna-se carinhoso e afetivo com outro homem e apoia toda sua conduta em um fato: o fato de Molina ser bom (*No, sos vos el bueno*). Molina também apresenta uma mudança em sua identidade, porque demonstra preocupação com o que acontecerá no futuro, ou seja, ambos mudam muito. No final da obra, os personagens são, praticamente, outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise, é possível sustentar que a obra de Puig comunica um saber que pode transformar os homens se captado e recebido com sensibilidade. Construindo-se a partir do diálogo, da convivência plena entre dois personagens que a princípio são completamente diferentes, agregam visões opostas, a obra revela que o homem e as relações humanas podem mudar, quando nos desarmamos de nossas convicções e nos permitimos conhecer o outro, o diferente, profundamente, ou seja, em sua condição humana, limitada, contraditória. A obra de Puig, a partir das mudanças dos personagens, indica que os indivíduos, a identidade, as convicções constituem-se, como indica Jofré (2012) a partir das relações com o mundo e com outros, não sendo, portanto, fechadas e determinadas. Nesse sentido, mudar de opinião é sempre possível, quando nós nos dispomos ou necessitamos questionar nossas verdades a partir de experiências com indivíduos diferentes.

El beso de la mujer araña dialoga, portanto, com o pensamento de Deleuze, traduzido no seguinte enxerto:

Mas se tudo está determinado, como posso dispor dos meus actos?"[...] O pensamento e a crença são um peso que pesa sobre ti, tanto e mais do que qualquer outro peso. Dizes que a alimentação, o sítio, o ar, a sociedade te transformam e te condicionam? Muito bem, **as tuas opiniões ainda o fazem mais, porque são elas que te determinam na escolha da tua alimentação, da tua morada, do teu ar, da tua sociedade.** Se assimilas este pensamento entre os pensamentos, ele te transformará. Se, em tudo o que quiseses fazer, comesças por perguntar a ti mesmo: "É certo que o queria fazer um número infinito de vezes?", será para ti o centro de gravidade mais sólido. (DELEUZE, 1994, p. 70) (os grifos em negrito são nossos).

A obra aponta que as verdades, nossas condutas e nossas identidades podem ser maleáveis e, melhorar, talvez, nossos relacionamentos, pois nesse romance de Puig, como bem sustenta Vera (2008): "La convivencia, la tolerancia y el amor han sido la vía del contagio." (VERA, 2008, p. 44) entre os dois personagens.

Afinal, o que acontece na obra com a transformação da identidade de Valentín e de Molina é que relação entre eles muda da tensão que os machucava para a harmonia, para uma cumplicidade e solidariedade fecundas. A grande contribuição do romance reside no fato de ele sugerir que ideologias, opções sexuais diferentes não fazem o indivíduo ser mais ou menos humano, inferior ou superior, mas que é possível extrair o que há de melhor no ser quando os relacionamentos se fundam na solidariedade, na negociação, na tolerância, no respeito às diferenças, na cumplicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. O Narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: edições 70, 1994.
- JOFRÉ, María Isabel Toledo. *Sobre la construcción identitaria*. *Atenea (Concepción)*, n. 506, p. 43-56, 2012.
- ESCOBAR VERA, Hernando. *La isla-mujer: Lo femenino como liberación en El beso de la mujer araña de Manuel Puig*. *Acta lit.* [online]. 2008, n.36, pp.27-45. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-68482008000100003&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0717-6848. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-68482008000100003>. Acesso 20 jun. 2018.
- FIORINI, Juan Ferreira. *O beijo da mulher aranha e o cinema de poesia em Manuel Puig*. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaiscoloquiodoraevicente/wp-content/uploads/2015/08/cpdv_artigo_028.pdf Acesso 10 jun. 2018.
- OLIVEIRA FILHO, Odil José de. A voz do narrador em 'O beijo da mulher-aranha'. *Revista de Letras*, v. 24, Araraquara, 1984, p. 53-60.
- PUIG, Manuel. *El beso de la mujer araña*. Barcelona: Seix Barral, 2007.
- SABATO, Ernesto. *El escritor y sus fantasmas*. Buenos Aires: Aguilar, 1964.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.